

---

## **A estética do infamiliar nas redes da extrema direita brasileira: o caso das #Bolsoringa e #Bolsolenda no Twitter<sup>1</sup>**

Rafael Burgos<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo discutir a presença da estética do infamiliar na comunicação do bolsonarismo a partir de dois casos de estudo, as #Bolsoringa e #Bolsolenda, utilizadas por grupos bolsonaristas no Twitter para provocar a revista IstoÉ. Unindo a psicanálise à sociosssemiótica adotada por Yvana Fechine, o artigo busca capturar a inversão estético-discursiva presente nos memes bolsonaristas utilizando da metodologia desenvolvida por Fechine, que identifica a alternância entre semelhança e diferença nos memes a partir de um quadrado semiótico. Como resultado, constata-se o uso da estética do infamiliar pelo bolsonarismo digital a partir da produção de uma semelhança inquietante diante das capas de IstoÉ.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bolsonarismo; Infamiliar; Memes; Semiótica

### **INTRODUÇÃO**

Diferentes pesquisas, especialmente no campo da comunicação (FERRAZ e SAINT CLAIR, 2022), da antropologia digital (CESARINO, 2019, 2020, 2022) e dos estudos culturais (PHILLIPS, 2015; NAGLE, 2017; BERAN, 2019), têm identificado na atuação digital da extrema direita o procedimento de inversão estético-discursiva. Em poucas palavras, ele consiste em jogar contra os seus antagonistas o discurso e estética utilizados por eles nas redes sociais – num tipo de imitação que, por meio da ironia, provoca o efeito infamiliar de estranhamento (*Unheimliche*). A fim de contribuir com este debate, o artigo apresenta dois casos de estudo, as #Bolsoringa e #Bolsolenda, utilizadas pelo bolsonarismo digital entre 2020 e 2021. Em sua propagação memética, ao nosso ver, ambas ensejam duas provocações: 1) estética, no que diz respeito à produção de um efeito infamiliar e 2) semiótica, ao perturbar os binômios semelhança-diferença e replicação-

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Jornalista, atualmente Mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Bolsista CNPq do Projeto “Inovação e convergências tecnológicas em tempos de hipermídia: perspectivas da produção de conhecimento nos processos comunicacionais”. E-mail: burgosrafael@gmail.com

---

invenção utilizados por pesquisadores da semiótica que estudam a propagação de memes nas redes sociais (FECHINE, 2019; PESSOA DE BARROS, 2021).

Para fins de análise, o artigo começa explicando a estética do infamiliar a partir de Sigmund Freud (2019), estabelecendo um elo com a leitura de Félix Guattari e Gilles Deleuze (2018), que identificam uma “estética do estranhamento” (MAESO, 2013) na obra de Franz Kafka. Destacamos os usos políticos dessa estética pela esquerda anticapitalista do fim do século XX, avançando para a hipótese de que a extrema direita está se apropriando dela. Para tal, nos apoiamos na antropologia digital de Letícia Cesarino e em outras leituras que identificam, na comunicação da extrema direita, o mecanismo de inversão estético-discursiva dos seus antagonistas.

Após explicarmos a metodologia semiótica adotada por Fechine (2019), partimos para as análises de caso das #Bolsoringa e #Bolsolenda, ambas levadas adiante pelo bolsonarismo digital após a publicação de capas críticas a Jair Bolsonaro pela revista IstoÉ. A investigação aponta para a produção de uma *semelhança inquietante* como resultado da propagação de memes bolsonaristas.

## A ESTÉTICA DO INFAMILIAR

A partir da leitura do conto *O homem da areia*, de E. T. A. Hoffmann, autor da literatura fantástica, Sigmund Freud (2019) inaugura, na psicanálise, o conceito de *Unheimliche*, termo em alemão que designa a angústia provocada pelo contato com o estranho que persiste num dado universo familiar. A partir de processos de recalçamento, na concepção freudiana, nossa psique se forma ao custo de “restos de atividade psíquica” (p. 85) que revelam, em última instância, o caráter contingente de nossa identidade. Traduzido para o português como infamiliar, inquietante ou mesmo estranho familiar, tal combinação de palavras evoca a própria ambivalência do alemão original, como lembram Ferraz e Saint Clair (2022, p. 19), afinal,

*heimlich* pertence a dois grupos de ideias divergentes, mas não opostas: por um lado, o que é familiar e aconchegante; por outro, o que se mantém secreto e oculto. A relação dicotômica *heimlich/unheimlich* se furta à lógica da contradição. O estranho pode ser o mais próximo; e vice-versa. Ambos os termos perdem sua nitidez opositiva.

A partir de um léxico que remete aos duplos, à assombração, ao retorno do recalçado, o infamiliar também se manifesta como efeito estético de uma cópia que, de

---

modo inquietante, incorpora elementos recalcados (ou não simbolizados) pela forma original ao ponto que ela soa ainda mais real. Nesse sentido, “chama-se *Unheimliche* a tudo o que deveria permanecer em segredo, escondido, mas que veio à tona” (FREUD, 2019, p. 43), perspectiva que nos ajudará a estabelecer uma relação entre as estéticas do estranhamento, das quais o infamiliar faz parte, e a propagação memética dos *trolls* bolsonaristas, que, conforme nossa hipótese, se apropriaram de uma estratégia reivindicada pela esquerda anticapitalista no fim do século XX, em especial pelos pensadores Judith Butler e Slavoj Žižek, que defenderam, respectivamente, a repetição subversiva e a superidentificação enquanto táticas de exposição das fraturas do poder.

Na repetição subversiva, Butler (2021, p. 32), acredita que o discurso “pode ser ‘devolvido’ ao falante de uma forma diferente, que ele pode ser citado contra seus propósitos originais e performatizar uma inversão de efeitos”, em outras palavras, a crença na potência política de se repetir a norma ao ponto que sua aparente consistência seja desmanchada, numa “ressignificação *queer* do simbólico” (BUTLER, 2019, p. 196) em que os gêneros não normativos aparecem como um derivado infamiliar da heteronormatividade. Para Butler (Ibid., p. 54),

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.

Nesse sentido, a performance *queer* se faz repetição subversiva em razão de seu caráter paródico. Em vez de aspirar a uma superação da heteronormatividade por meio de uma pura diferença, nessa performance descobre-se, por meio de uma semelhança inquietante, como a própria heteronormatividade também é performativa e, portanto, contingente, uma vez que depende desse mesmo caráter imitativo. Já na superidentificação, reivindicada pela Nova Escola Eslovena (NSK), grupo ao qual Žižek fez parte no fim da década de 80, aposta-se numa crítica que se traveste de adesão ao poder, numa performance que o perturba, precisamente, por expor os “traumas” (ŽIŽEK, 1996, p. 39) ou os “ruídos” (MONROE, 2005, p. 239) que estruturam a realidade social na perspectiva lacaniana.

Ao articular elementos fascistas com símbolos stalinistas e, também, elementos da cultura Volk eslovena, a banda de rock industrial Laibach, integrante do NSK, buscava

perturbar o poder local a partir da incorporação de elementos obscenos às ideologias dominantes. A banda também fez provocações ao Ocidente ao apresentar *covers* de Rolling Stones, Beatles e Queen nos quais um som pop é transformado num hino de contornos fascistas por meio de inserções rítmicas que pervertem inteiramente a experiência estética da música original. Para Alexei Monroe (Ibid.), autor da biografia da NSK, a partir dessa superidentificação, tem-se o efeito de se estar, não diante de uma cópia eslovena de um produto ocidental, mas frente a um “novo original” (Ibid., p. 271), como se a incorporação de elementos obscenos na versão copiada gerasse uma cópia ainda mais verdadeira.

Em sua análise sobre o escritor Franz Kafka, Félix Guattari e Gilles Deleuze (2018) também são solidários a essa perspectiva do estranhamento em sua busca, na literatura kafkiana, por um ruído, uma “pura matéria sonora” (p. 13) ou uma “matéria não formada de expressão” que caracterizaria a literatura menor de Kafka, uma linguagem que “deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (Ibid.). Assim como o Laibach, de modo infamiliar, extraiu o fantasma fascista do interior do socialismo iugoslavo e do capitalismo liberal, a literatura menor de Kafka faz emergir as “potências diabólicas que batem à porta” ou os “sons ainda desconhecidos que são os do próximo futuro” (Ibid.).

## O ‘MUNDO DO AVESSO’ DA EXTREMA DIREITA

Os filósofos Stephen Holmes e Ivan Krastev (2019) foram pioneiros ao destacarem a presença dessa estética do estranhamento na comunicação da extrema direita internacional, ainda que não citem diretamente este conceito. Segundo eles, a guinada autoritária de países do Leste Europeu pode ser explicada a partir de uma dupla relação com a prática de imitação, que vai de um primeiro momento, representado pela busca por aderir aos valores do Ocidente liberal, até um segundo momento, quando essa busca resulta em frustração com as promessas não cumpridas de liberdade e prosperidade. Como resultado, segundo Holmes e Krastev, regimes como a Rússia de Vladimir Putin e a Hungria de Viktor Orbán levam adiante um outro tipo de imitação, que incorpora “o que eles [os ocidentais] percebem como os comportamentos mais odiosos da hegemonia americana” (p. 15) ao seu regime político, modo de sugerir que o modelo da democracia iliberal seria *mais ocidental que o próprio Ocidente* (BURGOS & BRYAR, 2022) ao encenar um espelho em que os norte-americanos observariam o seu próprio modelo

---

institucional (a democracia liberal) acrescido de um autoritarismo sem máscaras – o seu obsceno infamiliar.

No mesmo sentido, Adam Kotsko (2018a), um estudioso do neoliberalismo, avança a hipótese que localiza a extrema direita trumpista no âmbito de uma “variação herética” do modelo neoliberal (p. 10), abraçando seus princípios a extremos que soam paródicos. Assim, Trump estaria levando adiante um discurso “profundamente neoliberal na forma”, mas que, no conteúdo, “exagera todos os seus piores elementos” (2018b). É, precisamente, essa característica que Žižek (2002) identifica na obra da autora Ayn Rand, não à toa uma das principais referências intelectuais das vertentes ultraliberal e anarcocapitalista da extrema direita.

Nos escritos de Rand, segundo o filósofo esloveno, sua adesão aos valores liberais é tão profunda que “enfraquece a ideologia dominante, precisamente, por sua excessiva identificação com ela”, outro modo de exemplificar a superidentificação de que falamos. Cabe lembrar, por fim, que o filósofo Rodrigo Nunes (2020) identificou uma “superidentificação involuntária” no episódio do então secretário de Cultura Roberto Alvim, que encenou um discurso nazista ao anunciar um prêmio de artes no governo Bolsonaro. Em sua fala, Alvim “juntava alguns dos elementos mais sinistros no ideário bolsonarista e os comparava explicitamente ao nazismo” num tipo de paródia que dialoga perfeitamente com a descrita por Kotsko acerca do trumpismo.

Em sua análise genealógica sobre a produção de sentidos no bolsonarismo digital, Ferraz e Saint Clair (2022) observam a presença de “inquietantes duplos” em sua comunicação. Ao identificarem os principais léxicos do Twitter bolsonarista durante o 7 de Setembro 2021, no qual o então presidente reuniu apoiadores em manifestações golpistas, os pesquisadores detectaram a estratégia de “produzir duplos de palavras tradicionalmente atreladas ao léxico democrático” (p. 13), com foco especial na palavra “liberdade”. Em diálogo com a conhecida perspectiva segundo a qual a extrema direita opera a partir da corrosão por dentro das instituições democráticas (LEVITSKY e ZIBLATT, 2018), os autores identificam a perversão bolsonarista a partir de um procedimento que “mais do que esvaziar o sentido de tais palavras [...] permite parasitá-las e, mais do que isso, assombrá-las” (FERRAZ e SAINT CLAIR, 2022, p. 13). Assim, a liberdade, para o bolsonarismo, articula “negatividade, morte e propagação de duplos

que, superpondo-se a sentidos históricos fixados que se aninham nessa palavra, subvertem e assombram seu potencial insurgente” (p. 18). Essa tática de assombração traduz o que Cesarino (2019, 2022) e Cesarino & Silva (2023) chamam de englobamento do contrário em sua fundamental abordagem cibernética para o bolsonarismo digital.

Com a ascensão das mídias digitais no contexto de crise das instituições democráticas e do sistema de peritos, a política passa a operar, segundo a antropóloga, no âmbito antiestrutural, isto é, o das “camadas marginais, latentes, heterodoxas do sistema numa dada configuração sócio-histórica” (CESARINO, 2022, p. 15). Com o colapso do centro organizador do sistema, essa antiestrutura “emerge para a superfície, tensionando o sistema como um todo na direção de seus limites estruturais” (Ibid.). Como resultado, o centro desse sistema cibernético das mídias digitais “vira do avesso”, ensejando uma

tentativa de englobamento das estruturas vigentes pelas antiestruturas emergentes. Ao longo de todo o campo de ressonâncias analisado, vemos uma pressão pelo englobamento do público pelo privado, da igualdade peça diferença, do fato pela ficção etc. (CESARINO, 2022, p. 20)

Neste englobamento, que toma lugar na comunicação bolsonarista conforme analisado pela autora, a estrutura de referência é imitada, de forma que o seu conteúdo seja invertido, num procedimento estético consensualmente observado por estudiosos da cultura *troll* como Whitney Phillips (2015), Angela Nagle (2017) e Dale Beran (2019). Em suas produções, Cesarino é clara ao destacar esse espelhamento como uma das estratégias centrais da memética bolsonarista, pois

Embora o conteúdo seja diametralmente oposto, num plano estrutural o apelo populista da nova direita se parece em muitos pontos com o da esquerda identitária. A estrutura cismogênica a partir da qual emergiu a nova direita sugere que sua gramática possa ter, de fato, se espelhado parcialmente na da esquerda. (CESARINO, 2019, p. 546)

Em artigo que analisa a campanha bolsonarista no Twitter durante as eleições de 2018, a autora aponta o “espelhamento estético” (2020, p. 104) como “aspecto estruturante de boa parte da memética da campanha Bolsonaro” (Ibid.), demonstrando casos de estudo exemplares: 1) a busca por quem matou Marielle Franco, nas redes bolsonaristas, torna-se o slogan “Quem matou Bolsonaro?”; 2) o lema feminista ‘Lute como uma garota’ é assombrado, usando os termos de Ferraz e Saint Clair (2022), em memes que reconstroem o sentido original do chamamento ao o associarem a uma

militância de direita. Uma das consequências reconhecidas por esse casamento entre o bolsonarismo e a infraestrutura das plataformas digitais é a geração do efeito de estranhamento (“*uncanny*”) de que temos falado, que é potencializado pela causalidade não linear destas plataformas:

Entre esses efeitos “*uncanny*” estariam o antagonismo de base cismogênica e a mímese inversa característicos dos populismos, conspiracionismos e negacionismos contemporâneos, cuja dinâmica se baseia no escalamento de oposições binárias e inversões antiestruturais. (CESARINO, 2019, p. 546)

### ANÁLISE DE CASO: AS #BOLSORINGA E #BOLSOLENDA NO TWITTER

Em nossa visão, tal dinâmica de inversão estético-discursiva, com propensão à produção de estranhamento, fica evidenciada na análise de caso feita a partir do uso das #Bolsoringa e #Bolsolenda no Twitter entre 2020 e 2021. Na edição de novembro de 2020, publicada no dia 13 daquele mês, a revista IstoÉ fez duros ataques à condução do então presidente Jair Bolsonaro na crise da pandemia, que àquela altura registrava quase 165 mil mortes no país. Nos dias que antecederam a publicação, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) havia suspenso os testes da vacina Coronavac em razão da morte de um voluntário, a qual, horas depois, foi reportada como fruto de um suicídio. O episódio se seguiu a inúmeras declarações de Bolsonaro levantando dúvidas sobre a eficácia do imunizante, bem como sugerindo que seu governo não o compraria – o que acabou sendo feito meses depois.



---

Figura 1 – Edição de 13 de novembro de 2020 da revista IstoÉ faz alusão de Jair Bolsonaro ao personagem Coringa.

Em sua matéria de capa, intitulada “Sabotagem obscurantista”, o periódico critica o episódio da Anvisa, recuperando declarações antivacina de Bolsonaro e dando centralidade à frase homofóbica “país de maricas”<sup>3</sup>, proferida no dia anterior à publicação da capa. Juntamente a esse aspecto a revista destaca o seu comportamento destrutivo: “inconsequente”, “irresponsável”, “insano” e “fanfarrão” são os adjetivos escolhidos por IstoÉ em sua capa, que, poucas horas depois, viralizaria no Twitter em razão de uma particularidade: ali, o presidente Bolsonaro era retratado em alusão a um famoso personagem da cultura pop, o Coringa. Na capa, o rosto de Bolsonaro é montado no corpo do palhaço, que, com os dois punhos cerrados para cima, esboça um riso análogo à risada descontrolada que caracteriza o personagem. Atrás dele, está a representação de um barril de pólvora, numa sinalização de que, tal qual o Coringa, Bolsonaro estaria promovendo o caos social.

À primeira vista, perfis relevantes de oposição ao governo repercutiram positivamente a capa no Twitter, na expectativa de que a alusão atingisse os apoiadores do presidente, objeto de uma ridicularização. No entanto, como tornou-se padrão nas redes bolsonaristas, em vez de reagirem negativamente à associação, buscando rebatê-la, apoiadores do presidente se apropriaram da analogia, levando adiante a #Bolsoringa, um caso emblemático da *trollagem* digital típica da extrema direita que consiste em jogar acusações de adversários contra eles mesmos.

---

<sup>3</sup> A respeito do elo entre as fantasias heteronormativas de Bolsonaro e seu rechaço à vacinação, ver Burgos e De Oliveira (2022).



Figura 2 – Meme extraído do Twitter: bolsonaristas satirizam a capa de IstoÉ, criando uma versão infamiliar da mesma<sup>4</sup>.

Contribuiu para o fato a ingenuidade da revista que, em sua representação do riso do Coringa, fez clara alusão, ainda que involuntária, à chamada “*trollface*”<sup>5</sup>, produzindo, como resultado, a imagem de um Bolsonaro *troll*, associação cara ao bolsonarismo desde a campanha de 2018 (HARADA, 2020) e que caiu como uma luva para suas redes, que desenvolveram um Bolsoringa antissistema com uso do humor antagonístico típico dos *trolls*.



<sup>4</sup> Ver: <https://twitter.com/U2Cassio/status/1329085593314238465>

<sup>5</sup> Ver: <https://www.tecmundo.com.br/memes/77923-trollface-nascimento-meme-deu-boa-grana-criador-problem.htm>

Figura 3 – Meme extraído do Twitter: na #Bolsoringa, a representação de um Jair Bolsonaro antissistema ataca os prédios do Congresso<sup>6</sup>.

O segundo caso de estudo, também envolvendo a revista IstoÉ, parte de outra capa que foi ao ar dois meses após o primeiro caso analisado. Na capa do dia 26 de fevereiro de 2021, o mesmo periódico resolveu associar Jair Bolsonaro a outro personagem da cultura pop: Robert Neville, protagonista de *Eu Sou a Lenda*, filme norte-americano de 2008 em que Will Smith dá corpo ao sobrevivente de uma pandemia. Na publicação, a revista estampa a imagem de um homem forte e vigoroso, com o porte de uma metralhadora, e o rosto do presidente Jair Bolsonaro. Ao fundo, vemos os prédios do Congresso Nacional semicobertos por uma bandeira do Brasil rasgada ao meio. Em IstoÉ, “Eu Sou a Lenda” se transforma em “Eu Sou o Estado”, manchete utilizada para acusar o autoritarismo de Bolsonaro no episódio em que ele entrevistou na Petrobras.



Figura 4 – Edição de 26 de fevereiro de 2021 da revista IstoÉ faz alusão de Jair Bolsonaro ao protagonista de *Eu Sou a Lenda*.

Conforme o mesmo padrão demonstrado na análise da #Bolsoringa, as redes bolsonaristas se apropriaram do personagem apresentado por IstoÉ, tratando de desenvolvê-lo a partir da #Bolsolenda. A imagem de um macho alfa, portando arma, vestindo uma camiseta amarela e caminhando sozinho contra tudo e contra todos casou, perfeitamente, com o discurso bolsonarista, que vê no presidente um político antissistema e portador de valores supostamente tradicionais e masculinos. No Twitter, as recriações

<sup>6</sup> Ver: <https://twitter.com/tiabili/status/1368940646313193478>

foram compartilhadas ao lado de comentários provocativos, como “Esse cara me representa<sup>7</sup>”; “Super capa. Adoramos o novo ‘mito’ ‘meme’”<sup>8</sup>; “A esquerda até quando quer atrapalhar ajuda”<sup>9</sup>; “A IstoÉ começou a ser mais bolsonarista que eu<sup>10</sup>”.



Figura 5 – Meme extraído do Twitter: Bolsolenda em versão ‘desesquerdizador do futuro’<sup>11</sup>.

Em ambos os casos, de maneira infamiliar, as redes bolsonaristas desenvolvem o personagem de IstoÉ, aproveitando-se da dinâmica não linear das redes, a qual sugere a dificuldade de rastrear o começo e o fim de uma propagação. Como resultado, o original da capa perde sua autenticidade. Em sua obra *Genuine Fakes*, a escritora Lydia Pyne (2019) mostra como a crescente incapacidade de distinção entre o real e o falso, no mundo digital, impacta diretamente o valor cultural da autenticidade, de modo que um objeto falso, por vezes, pode atender melhor às expectativas de autenticidade do que o original verdadeiro. De modo análogo à repetição subversiva e à superidentificação, os “*fakes genuínos*” analisados pela autora têm “uma habilidade inquietante de perturbar o *status quo* cultural, uma vez que desafiam como as coisas se tornam reais” (PYNE, 2019, p. 18).

A partir da semiótica de Eric Landowski, Fachine (2019), em sua abordagem sociosemiótica da propagação em redes sociais, adota um quadrado semiótico que opõe

<sup>7</sup> Ver: <https://twitter.com/Valdecirdelecl1/status/1365780314623246337>

<sup>8</sup> Ver: <https://twitter.com/AlmydaRegina/status/1365725478099824641>

<sup>9</sup> Ver: <https://twitter.com/MrciaGa90848144/status/1365891986411159552>

<sup>10</sup> Ver: <https://twitter.com/domlancellotti/status/1365765333445926921>

<sup>11</sup> Ver: [https://twitter.com/Clau\\_direita/status/1366406314411368450](https://twitter.com/Clau_direita/status/1366406314411368450)

dois eixos: repetição vs. variação e semelhança vs. diferença, sendo possíveis quatro articulações, a saber, 1) semelhança + repetição completa (replicação); 2) diferença + variação completa (invenção); 3) não diferença + repetição parcial (imitação) e 4) não semelhança + variação parcial (recriação). Nesse sentido, os memes em questão podem ser enquadrados na fase de recriação, que corresponde ao binômio não semelhança e variação parcial. Seu efeito de estranhamento, no entanto, sugere que, no caso, em vez da não semelhança, a variação parcial enseja, mais propriamente, uma *semelhança inquietante*. A respeito das recriações, a autora destaca que elas, com frequência,

apelam para manifestações cômicas (paródia, ‘duplo sentido’, por exemplo), pois estas parecem modos mais fáceis de estabelecer, ao mesmo tempo, um distanciamento e uma aproximação com o tópico discursivo, subvertendo-o, mas mantendo-o como referência (FECHINE, 2019, p. 55)

Nessa tentativa de subversão, é como se o imitador buscasse subverter a própria lógica de imitação, na qual persiste um “posicionamento ainda hierárquico, uma vez que o imitador está sempre, por definição, submetido a um *fazer* daquele (ou daquilo) ao qual imita” (FECHINE, 2019, p. 42), procedimento análogo às estéticas do estranhamento em seu efeito de uma cópia que transcende o original. Em diálogo com Fechine, Mariana Pessoa de Barros (2021) propôs compreender os processos de semelhança e diferença na propagação memética, respectivamente, à luz dos conceitos de intensidade (invenção; diferença) e extensidade (replicação; semelhança). Desse modo, a geração de estesia, de impacto sensível, em um meme estaria associada ao processo de invenção e à intensidade que o acompanha.

A invenção no meme diz respeito ao engajamento subjetivo, próprio da intensidade, pois possibilita a participação, por meio de suas modificações e de seu compartilhamento, num processo de reenunciação. Ao mesmo tempo, gera, entre os enunciatários, a curiosidade e a surpresa da descoberta do que há de novo em determinada série. Já a replicação, que funciona numa lógica inversa, a da extensidade, não age pelo impacto, mas oferece a possibilidade de previsão, de encontrar aquilo que era esperado e que se pode compreender sem grandes arroubos. O efeito é de conforto do conhecido (PESSOA DE BARROS, 2021, p. 5870)

Nesse sentido, o infamiliar bolsonarista, fruto da combinação entre variação parcial e semelhança inquietante, de uma cópia que transcende o original, perturba os binômios sensível-inteligível e intensidade-extensidade. Tal esquema não nos permite

compreender a inovação estético-semiótica proporcionada pela *trollagem* bolsonarista, pois falamos de um processo de invenção que choca, isto é, produz estesia, por ser *semelhante demais* – e não diferente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o número ainda pequeno de estudos que mobilizam o campo das estéticas do estranhamento para compreender a comunicação do bolsonarismo, o artigo pretende chamar a atenção para a importância de estudá-lo sob essa perspectiva. A partir das associações entre os campos estético e semiótico, bem como do diálogo com pesquisadores da extrema direita, buscamos dar sequência aos estudos sobre a chamada cultura *troll*, fornecendo uma perspectiva teórica para dar conta da inversão estético-discursiva bastante apontada por especialistas na área, e adotando o entendimento de Deleuze e Guattari (1996), que concebem o fascismo como um regime de desejos.

Nesse sentido, acessar este regime passa por reconhecer a disputa em torno de discursos e estéticas rebeldes num cenário em que o campo progressista é, permanentemente, associado ao *status quo* cultural. Como consequência, a extrema direita performa um *ethos* antissistema, pervertendo o desejo libertário que, um dia, motivou o uso das estéticas do estranhamento como força anticapitalista. Em tempos de cancelamento do futuro (FISHER, 2020), que eleva as reapropriações estéticas e discursivas à condição de horizonte político, a extrema direita parece ter descoberto o caminho da criação que nasce da semelhança, da surpresa que brota do igual, afinal, como diz Deleuze (1988., p. 41), recusando o primado do original sobre a cópia, "a repetição é verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir e o que só se constitui ao se disfarçar".

## REFERÊNCIAS

BERAN, D. **It came from something awful**. Nova York: St. Martin's Publishing Group, 2019. E-book.

BURGOS, R & BRYAR, T. Vladimir Putin e a paródia do Ocidente, 2022. **Blog da Boitempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2022/03/04/vladimir-putin-e-a-parodia-do-ocidente/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BURGOS, R. & DE OLIVEIRA, L. S. O BOLSONARISMO FRENTE À PANDEMIA DE COVID-19: Pulsão suicidária e repressão do luto. **Revista Ciências Humanas**, v. 15, n. 1, 2022.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

---

BUTLER, J. *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, J. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020.

CESARINO, L. **O mundo do avesso** - verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CESARINO, L. & SILVA, V. Pandemic States of Exception and the Alt-science of Early Treatment for COVID-19 in Brazil. **Latin American Perspectives**, 2023.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 76-106.

FECHINE, I. **Cultura participativa e interação**: Uma abordagem sociosemiótica da propagação em redes sociais digitais. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2019.

FERRAZ, M. C. F. & SAINT CLAIR, E. Políticas da assombração: o populismo bolsonarista como produção de inquietantes duplos. **Galáxia**. São Paulo, v. 47, 2022.

FISHER, M. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche]** - Edição bilíngue comemorativa (1919-2019). Belo Horizonte: Autêntica, 2019. E-book.

GUATTARI, F. & DELEUZE, G. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

HARADA, A. C. **Do mito ao meme**: apropriação do discurso de Bolsonaro em posts de humor. São Paulo, 2020.

HOLMES, S. & KRASSTEV, I. **The Light that Failed**: A Reckoning. Penguin, 2019.

KOTSKO, A. **Neoliberalism's demons**: On the political theology of late capital. Stanford University Press, 2018a.

KOTSKO, A. The Political Theology of Neoliberalism. **State of Nature**, 2018b. Disponível em: <https://stateofnatureblog.com/adam-kotsko-political-theology-neoliberalism/>. Acesso em: 17 set. 2022.

LEVITSKY, S & ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

MAESO, B. **Kafka: estética e política do estranhamento**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

MONROE, A. **Interrogation machine**: Laibach and NSK. Cambridge: The MIT Press, 2005

NAGLE, N. **Kill all normies**: The online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump. Winchester, UK: Zer0 Books, 2017. E-book.

NUNES, R. Alvim errou a mão na trollagem nazi inspirada na direita dos EUA. **Folha de S. Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/01/alvim-errou-a-mao-na-trollagem-bolsonarista-inspirada-na-direita-dos-eua.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PESSOA DE BARROS, M. L. Notas semióticas sobre memes. **Fórum Lingüístico**, v. 18, 2021.

PHILLIPS, W. **This is why we can't have nice things**: mapping the relationship between online trolling and mainstream culture. Cambridge: The MIT Press, 2015. E-book.

PRADO, J. L. A. Da antipolítica ao acontecimento: o anarquismo dos corpos acontecimentais. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 14, n. 39, 2017.

PYNE, L. **Genuine fakes**: how phony things teach us about real stuff. Bloomsbury Publishing, 2019.

ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ŽIŽEK, S. The Actuality of Ayn Rand. **The Journal of Ayn Rand Studies**, p. 215-227, 2002.